

O diminutivo no português do Brasil: funcionalidade e tipologia

Elisabeth Alves¹

¹Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula – Universidade de Brasília (UnB) – ICC Ala Norte, Subsolo, Módulo 7 – CEP: 70910-900 – Brasília – DF – Brasil
el.alves@terra.com.br

Resumo. *A partir do quadro teórico da Gramática Funcional do Discurso (GFD), o presente trabalho objetiva examinar o diminutivo do português em -inho, a fim de explicar seus diversos usos. A pesquisa conclui que se trata de três diferentes morfemas da categoria de intensificação, sendo que esses se distinguem entre si por valores semânticos, pragmáticos e ilocucionários. Comprova-se que, no português, fatores conceituais e estratégias comunicativas também podem ser codificados na unidade lingüística 'palavra', por meio de recursos morfológicos.*

Palavras-chave. *diminutivo; Gramática Funcional do Discurso; morfologia; estratégias comunicativas.*

Abstract. *This research aims at analysing the Portuguese diminutive on the basis of Functional Discourse Grammar (FDG) in order to explain the -inho in its varied uses. The paper claims for the existence of three different morphemes of the intensifying category, which have to be distinguished by means of semantic, pragmatic and illocutionary values. It is shown that Portuguese also codifies conceptual aspects and communicative strategies on the linguistic unit 'word' by means of morphological devices.*

Keywords. *diminutive; Functional Discourse Grammar; morphology; communicative strategies.*

1. Introdução

A proposta deste trabalho é, em primeiro lugar, o exame minucioso do diminutivo do português – particularmente aquele expresso pelo sufixo *-inho* – sob perspectiva funcionalista, notadamente a Gramática Funcional do Discurso, doravante GFD, de Hengeveld (2004, 2005) e Hengeveld & Mackenzie (no prelo). Ao mesmo tempo, procura-se restituir à morfologia o devido lugar na expressão de noções semânticas e funcionais. Já que se trata de recursos morfológicos – e estes só se aplicam no nível da palavra – pretende-se comprovar que essa unidade lingüística também pode ser alvo da expressão de realidades pragmáticas e discursivas, além de semânticas e morfossintáticas.

Entre os diversos trabalhos sobre o diminutivo, e nos compêndios de gramática do português (Câmara, 1970; Celso & Cunha, 1985; Bechara, 2001; Rocha, 1998, só para citar alguns), há unanimidade em que o sufixo *-inho* expressa, além de tamanho reduzido, também valores variados, tais como afetividade e avaliação. Câmara (1970) o situa como subgrupo da noção semântica de Grau (Câmara, 1970), que inclui o superlativo, o diminutivo e o aumentativo. Para os estudos morfológicos, o uso variado

do *-inho* também suscitou questionamentos sobre o seu estatuto morfológico e se deve ser considerado derivacional ou flexional (Rocha, 1998; Haspelmath, 2002).

Em termos lingüísticos, também parece ser relevante discutir o estatuto funcional do sufixo *-inho* no português, já que a noção de ‘tamanho reduzido’ pode ser expressa tanto sob forma analítica (*casa pequena*), quanto sob forma sintética (*casinha*), principalmente na expressão de ‘tamanho’ com valor concreto. É um fato interessante lembrar que nem todas as línguas possuem um morfema de diminutivo. Entre as línguas românicas, apenas o português e o espanhol se servem mais produtivamente desse morfema (Azpiazu, 2004). Essa alternância entre recurso analítico e sintético, no entanto, não é absoluta e será abordada, a seguir, nas suas condições de emprego, assim como nos seus aspectos semânticos, estruturais e ilocucionais.

Segue-se, neste trabalho, a denominação mais geral usada em Haspelmath (2002), que fala em ‘categoria da intensificação’ e a chama de ‘supercategoria’, pois abrange diversos recursos. Com isso, procura-se fazer jus à variedade de usos e valores aparentemente expressos pelo mesmo morfema e a mostrar não só a distribuição, mas também a funcionalidade do *-inho*, tais como nos exemplos (1) a (7) abaixo. Os dados são todos do Banco do Português (Sardinha, 2005), com exceção dos marcados com ?.

- (1) Filho de peixe peixinho é
- (2) casa – casinha
- (3) nova – novinha
- (4) sobressalto – sobressaltozinho
couve-flor – ?couve-florzinha, pé-de-moleque – ??pé-de-molequinho
- (5) Joãozinho, meu benzinho
- (6) um – unzinho
tudo – tudinho
cedo – cedinho
- (7) tschauzinho, obrigadinha, um minutinho

Este trabalho se estrutura da seguinte forma: as bases teóricas da proposta serão discutidas na seção 2. Com o objetivo de levantar as noções fundamentais envolvidas nessas expressões e de proceder à tipologia, os exemplos acima serão analisados em 3, e a classificação dos morfemas ocorrerá em 4. Nossa proposta de trabalho é que a expressão morfológica da categoria da intensificação se apóia em três morfemas: *-inho₁*, *-inho₂*, e *-inho₃* sendo que estes morfemas cobrem funções com bases semânticas e discursivas distintas, fato que explica as características particulares de cada um desses morfemas. Na seção 5, concluiremos com algumas conseqüências desta tipologia para uma descrição e explicação mais adequada do diminutivo do português.

2. Bases teóricas: a Gramática Funcional do Discurso

A GFD (Hengeveld, 2004 e 2005, Hengeveld & Mackenzie, no prelo) é um desenvolvimento mais recente da Gramática Funcional (Dik, 1997). Caracteriza-se como modelo de gramática com organização hierárquica descendente (ou *top-down*), o qual procura relacionar o componente lingüístico (gramatical) a componentes não-lingüísticos. Explicita funcional e formalmente não só a interação sistemática dos níveis internos (nível interpessoal – responsável pelos fatores pragmáticos; o nível representacional – pelos semânticos; o nível estrutural – pelos morfossintáticos; e o

nível fonológico), mas também considera os aportes dos componentes não-lingüísticos ao componente gramatical: do componente conceitual (fatores cognitivos, ontológicos, de conhecimento das situações comunicativas e do mundo) e do componente contextual (contexto situacional, social e cultural). O componente de saída, por fim, é responsável pela articulação do conteúdo lingüístico.

Os primitivos da codificação morfossintática, isto é, os lexemas, os afixos e os marcos e esquemas das expressões lingüísticas são específicos a cada língua. As noções semânticas, pragmáticas e discursivas, no entanto, são mais gerais e se estabelecem funcionalmente, embora cada língua as exprima de forma particular, ou deixe de exprimi-las explicitamente. Essas noções podem ser codificadas ou por meios gramaticais (os chamados operadores) ou por meios lexicais (os modificadores). Devido ao tipo morfológico do português, a categoria da intensificação permite as duas possibilidades: como operador na forma do sufixo *-inho* que se une a um núcleo e o modifica (expressão sintética em 8a.), e como modificador na forma de um adjetivo (expressão analítica em 8b).

- (8) a. casa + inho/a – casinha
b. casa pequena / pequena casa

Observa-se, no exemplo (8), que há diferenças importantes entre o sufixo e o adjetivo, provindas do tipo e do nível de base. Enquanto no nível da palavra há restrições sintáticas, que se refletem na ordem fixa lexema – sufixo (8a), no nível do sintagma há uma relativa flexibilidade, com uma possível anteposição do lexema da categoria Adj ao lexema da categoria lexical N, como no exemplo em (8b). Destaca-se, no entanto, que essa alteração da ordem canônica N + Adj para Adj + N, no sintagma do português, baseia-se nos fatores pragmáticos de focalização e ênfase e se reflete na estruturação, além de apresentar sutis alterações semânticas. É, portanto, uma estratégia – do falante – de ordem pragmática, semântica e sintática, possível para um conjunto maior de adjetivos, além de ‘pequeno’. Já o sufixo *-inho* exclui a influência sintática, por ser do nível da palavra, e se restringe aos valores provenientes do sufixo de intensificação, como será mostrado na discussão das próximas seções.

Essas restrições de ordem, assim como o valor semântico mais restrito de intensificação (intensificação negativa) e a alta produtividade, levam-nos a considerar *-inho* como operador, embora tenha conteúdo semântico em alguns contextos e, mesmo assim, ainda ocorra um tipo de modificação da base. A expressão analítica com o adjetivo, ao contrário, segue os padrões de modificação em geral. Ambas ocorrem em níveis de análise distintos (palavra vs. sintagma), e apenas o operador *-inho* possui a amplitude necessária para também permitir a expressão de estratégias ilocucionárias. Não se exclui, no entanto, que haja contextos intermediários que exijam um estudo mais detalhado, por exemplo, sob o olhar da gramaticalização.

Um outro aspecto teórico importante para este trabalho, o qual surge da análise anterior, inclui a delimitação das unidades de análise. O postulado do Ato do Discurso da GFD, como unidade mínima do discurso, abre espaço para considerar não só as unidades de análise lingüística ‘maiores’, o texto, o episódio, o parágrafo e a oração, como passíveis de refletirem a organização do discurso, mas também as unidades lingüísticas ‘menores’ e mais compactas, o sintagma e a palavra. O exemplo (8b) mostrou algumas possibilidades do sintagma, embora de natureza distinta. Já a abrangência do conjunto de exemplos em (1) a (7), todos com o diminutivo em forma

sufixal, demonstra que, não obstante a palavra ser uma unidade contraversa (Dixon & Aikhenvald, 2002), é justamente esta a unidade lingüística que abriga os recursos morfológicos, e assim também o *-inho* em questão.

O que de fato ocorre é que, na elaboração de uma expressão lingüística em forma de palavra, a codificação da intenção comunicativa do falante se dá por meio da aplicação dos processos *top-down* e se condensa em uma unidade simples ou complexa. A unidade nova, por sua vez, pode assumir ora sua função de primitivo no interior de unidades maiores (como nos exemplos 1 a 5 e nos advérbios e quantificadores de 6), ora cumpre a tarefa de englobar um Ato de Discurso em uma única palavra (a *holophrase* de Mackenzie, 1998) ou em uma fórmula fixa de valor interpessoal (os exemplos restantes). Este fato confirma o postulado da Hierarquia de Categorias do Discurso (Moutaouakil, 2004) e de que fatores pragmáticos e ilocucionários também atuam nos primitivos de codificação morfossintática do português, embora a unidade ‘palavra’ esteja hierarquicamente mais baixo e, portanto, menos receptível para a expressão da estrutura discursiva do que as unidades ‘sintagma, oração e texto’.

3. Critérios para uma tipologia do *-inho*

Entre as noções possíveis expressas nos exemplos (1) a (7), dados na seção anterior e repetidos para melhor clareza, nota-se diversas particularidades que indicam pistas para uma possível sistematização que comprovam a existência de três diferentes morfemas: *-inho₁*, *-inho₂*, e *-inho₃*.

- (1) Filho de peixe peixinho é
- (2) casa – casinha
- (3) nova – novinha
- (4) sobressalto – sobressaltozinho
couve-flor – ?couve-florzinha, pé-de-moleque – ??pé-de-molequinho
- (5) Joãozinho, meu benzinho
- (6) um – unzinho
tudo – tudinho
cedo – cedinho
- (7) tschauzinho, obrigadinha, um minutinho

Em primeiro lugar, deve ser ressaltada uma observação constante dos estudos e descrições tradicionais do diminutivo do português: a classe de palavras de base. Por exemplo, são as bases de (1) a (4) substantivos (N) e adjetivos (Adj), e nomes próprios e apelidos em (5). Já em (6) aparecem numerais, quantificadores e advérbios, em (7), fórmulas e frases feitas. Das classes de palavras modificáveis da lista de exemplos, apenas os de (1) a (4) aceitam um modificador adjetival, portanto se enquadram como candidatos à alternância discutida do exemplo (8). Isso já não vale para o conjunto (5) a (7). Referente à discussão da unidade lingüística de base, observa-se que o morfema do diminutivo realmente só se anexa a palavras, sendo que formas compostas e grupos sintáticos apresentam sérias restrições se não forem lexicalizados (4).

Apesar da descontextualização dos exemplos e do fato de a base determinar fundamentalmente o valor semântico do todo, observem-se outras regularidades funcionais e formais. Assim, há em (1) e (2) noções concretas expressas, em oposição às noções seguintes, claramente mais abstratas. São mais objetivas as noções semânticas,

tais como ‘tamanho/quantidade/intensidade reduzidas’, em (1) a (3), portanto propriedades inerentes a objetos e qualidades. As noções veiculadas pelos outros exemplos são mais subjetivas e se referem a como objetos e qualidades são vistos e avaliados pelo falante, sendo freqüentemente pautadas em valores sociais e culturais. Expressam a subjetividade dos participantes em uma situação comunicativa: afetividade para um objeto ou uma qualidade enquanto pertinente a um referente na interação; avaliação positiva ou negativa; expressividade em diversos graus; mitigação, desprezo, crítica, ironia etc. do falante em relação à situação ou ao falante.

Importante será enfatizar as particularidades dos padrões entonacionais e do acento, assim como conseqüências estruturais envolvidas nesses exemplos. Quando os valores de ‘tamanho/quantidade/intensidade etc. reduzidas’ são atribuídos, e não inerentes, há geralmente uma entonação marcada, ou acentos específicos que destacam a unidade lexical do contexto. Em termos de padrões estruturais, observa-se restrições em relação a constituintes mais complexos (*um menino* – **unzinho menino*), provavelmente com exceção de quantificadores (*tagarelou a aula de história todinha*). Também ocorrem formas oracionais mais peculiares, tais como exclamações, ou expressões fixas com *que* ou *tão* (*Que casinha! É tão novinho!*). Não obstante, não há como separar sempre o que é devido ao valor semântico, à entonação ou à estrutura envolvida, assim como há sobreposições e redundâncias possíveis. Porém, ficou claro que dentro do contínuo das manifestações lingüísticas em torno do *-inho*, há uma seleção funcional, quer dizer, uma seleção dos primitivos (lexemas e sufixo) sob condições e propósitos distintos que se expressam em função de fatores cognitivos e de ilocução.

4. Os três *-inhos* e seus valores funcionais

Para o agrupamento pretendido faz-se necessário lembrar que a GFD integra os componentes não-lingüísticos ao componente gramatical à medida que suas influências entram, de alguma forma, na codificação, isto é na expressão estrutural. Mostrou-se na análise anterior que devemos considerar, além do valor literal de ‘tamanho reduzido’, que o componente conceitual, estreitamente relacionado ao contextual, se manifesta pela expressão da ilocução, na qual os participantes e a situação comunicativa são ancorados, fazendo uso da intensificação e das suas possibilidades expressivas por meio dos recursos disponíveis, entre outros do *-inho*.

Nas duas figuras a seguir, procura-se mostrar as características distintivas com base na sua funcionalidade. Procedeu-se, para tanto, a dois agrupamentos, com a Figura 1, que separa os exemplos (1) a (4), nos seus usos concretos, dos outros usos (exclusivos para os exemplos de (5) a (7), mas também possíveis para os anteriores).

Figura 1: Expressão representacional e expressão de ilocução

<i>-inho₁</i>	vs.	<i>-inho₂, -inho₃</i>
propriedade inerente		propriedade atribuída
valor semântico: operador de intensificação		valor pragmático: operadores de subjetividade, afetividade, avaliação, mitigação, crítica...
operador no nível da ‘palavra’ (nível representacional)		operador no nível do Ato do Discurso (nível interpessoal)

categoria de base: N, Adj		sem restrição de categoria de base; enunciados
função: modificação de núcleos substantivos e adjetivais		função: estratégias comunicativas, por meio de modificação interpessoal
entonação neutra		entonação marcada

A Figura 1 separa o *-inho₁*, devido ao valor semântico e à noção inerente, mais concreta, dos outros dois morfemas. Esta característica determina fundamentalmente os outros fatores, tais como o nível de aplicação do operador, a categoria de base, a função de modificação. Como a forma derivada pelo *-inho₁* continua sendo um primitivo que entra na construção lingüística, não há entonação diferente daquela prevista pelo marco da palavra.

Já o *-inho₂*, e o *-inho₃*, por envolverem diversos processos cognitivos que ultrapassariam a proposta deste trabalho, perderam o seu valor semântico e adquiriram valor funcional, visto que, durante o Ato do Discurso, o falante usa uma estratégia comunicativa segundo sua intenção e atribui uma propriedade à unidade lingüística de base. Isso acarreta uma modificação interpessoal que se aplica a outras categorias lexicais de base, sem serem N ou Adj, e será marcada com entonação diferenciada.

Para justificar a separação entre os outros dois morfemas, seguimos a sugestão de Butler (submetido), quando este autor destaca a necessidade de fazer uma distinção, por um lado, no interior do componente conceitual, para dar conta da avaliação do falante frente à entidade referida (por exemplo: na visão subjetiva de tamanho/intensidade/valor; na afetividade, para um indivíduo ou um objeto; e outras avaliações de entidades que são social e culturalmente influenciadas). Por outro lado, há a avaliação do falante frente à situação comunicativa e seus participantes (por exemplo: mitigação, ironia, crítica e outras, como estratégia comunicativa), sendo que essa avaliação se vincula estreitamente ao componente contextual, embora esteja situada no componente conceitual. Quando há expressão de intensidade desse tipo, pode ocorrer o *-inho₃*. Veja, então, a distribuição na Figura 2.

Figura 2: Subdivisão da expressão de ilocução

<i>-inho₂</i>	vs.	<i>-inho₃</i>
avaliação / julgamento do falante frente à entidade: tamanho, valor, afetividade, desprezo		avaliação / julgamento do falante frente à situação comunicativa e ao ouvinte: ironia, polidez, mitigação e outros

Manifestações do *-inho₂* podem ser encontradas no contínuo entre ‘tamanho reduzido’ como propriedade inerente e ‘tamanho reduzido’ como julgamento de afetividade (‘ser querido por ser pequeno’) ou como julgamento de desprezo (‘ser de pouco valor por ser pequeno’), devido ao conhecimento do mundo e/ou ao conhecimento dos valores sociais e culturais.

Também o *-inho₃* se distribui em um contínuo, assim como o *-inho₂*, nos exemplos nos quais o valor semântico está mais reduzido, mas se concentra fortemente nas fórmulas de interação (7), já que na interação podem ser avaliadas não apenas as entidades envolvidas, mas também as posições de cada um dos interlocutores. Desta forma, pode-se tanto ironizar as posições na interação, quanto mitigar e ser polido por meio do uso do diminutivo.

É interessante observar que, na expressão do valor funcional de intensificação, pode haver tal apagamento dos valores semânticos de origem, que desprezo ou crítica podem, em alguns casos, ser expressos seja pelo sufixo do diminutivo, seja pelo sufixo do aumentativo. Desta forma, tanto *bobinho* quanto *bobão* podem indicar avaliação, fato que justifica o postulado de uma supercategoria de intensificação. De qualquer forma, será este uso avaliativo caracterizado por uma entonação marcada em relação ao uso com valor semântico.

5. Algumas conseqüências para descrição e explicação do diminutivo do português

A discussão nas seções anteriores procurou acrescentar algumas considerações às reflexões sobre o diminutivo do português com *-inho*, seguindo parâmetros funcionalistas. Os resultados confirmam e explicam observações e fatos já constatados por pesquisadores e por autores de gramáticas (veja 'afetividade' em *-inho*₂, e 'avaliação' em *-inho*₂, *-inho*₃), mas os reorganizam segundo valores semânticos e valores pragmáticos. Este fenômeno lingüístico é, portanto, lexical e/ou gramatical e, além do mais, se beneficia da consideração de fatores extra-lingüísticos, tais como a influência dos interlocutores e da situação comunicativa.

Para os estudos funcionalistas teóricos, principalmente a GFD, a análise do diminutivo do português confirma o modelo de análise proposto, postulando-se que o Ato do Discurso se realiza não só nas unidades lingüísticas tais como texto, episódio e oração, mas também no nível da palavra. Nem por isso, outros trabalhos sobre o assunto podem ser promissores, na busca de explicar melhor a interface dos componentes conceituais e contextuais com o componente gramático, assim como seus reflexos nas diferentes unidades lingüísticas.

Por último, mas não menos importante, justifica-se a distinção entre três sufixos de *-inho* por sua diversidade funcional e discursiva e pela consideração da língua falada, com o fim de propiciar uma descrição adequada da língua portuguesa em uso e, entre outros motivos, para criar subsídios que beneficiem o ensino e a pesquisa.

Referências bibliográficas

- AZPIAZU, S. *Las estrategias de nominalización*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2004.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 1970.
- BUTLER, C. S. (submetido). Interpersonal meaning in the noun phrase. In: GARCÍA VELASCO, D. & RIJKHOFF, J. (Ed.). *The Noun Phrase in Functional (Discourse) Grammar*.
- CÂMARA JÚNIOR, J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DIK, S. C. *The Theory of Functional Grammar, Volume 1 and 2*. Ed. by Kees Hengeveld. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

- DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. *Word: A cross-linguistic typology*. Cambridge: University Press, 2002.
- GROOT, C. de; Hengeveld, K. (Ed.). *Morphosyntactic Expression in Functional Grammar*. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 2005.
- HANNEY, M.; BOLKESTEIN, M. (Ed.). *Functional Grammar and verbal interaction*, Amsterdam: Benjamins, 1998.
- HASPELMATH, M. *Understanding Morphology*. London: Arnold, 2002.
- HENGEVELD, K. The architecture of a Functional Discourse Grammar. In: MACKENZIE, J. L.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. A. (Ed.). *A new architecture for Functional Discourse Grammar* (Functional Grammar Series 24). Berlin: Mouton de Gruyter, 2004.
- _____. Dynamic expression in Functional Discourse Grammar. In: de GROOT, C. & HENGEVELD, K. (Ed.). *Morphosyntactic Expression in Functional Grammar*. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 2005.
- HENGEVELD, K.; Mackenzie, J. L. Functional Discourse Grammar. In: BROWN, K. (Ed.). *The Encyclopedia of Language and Linguistics*. 2 Ed. Oxford: Elsevier, no prelo.
- LYONS, J. *Semantics. Volume 1 and 2*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- MACKENZIE, J. L. The basis of syntax in the holophrase. In: HANNEY, M.; BOLKESTEIN, M. (Ed.). *Functional Grammar and verbal interaction*, Amsterdam: Benjamins, 1998.
- MACKENZIE, J. L.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. A. (Ed.). *A New Architecture for Functional Grammar*. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 2003.
- MOUTAOUAKIL, A. Discourse structure, the Generalized Parallelism Hypothesis and the architecture of Functional Discourse Grammar. In: MACKENZIE, J. L.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. A. (Ed.). *A new architecture for Functional Discourse Grammar* (Functional Grammar Series 24). Berlin: Mouton de Gruyter, 2004.
- ROCHA, L. C. de A. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- SARDINHA, T. B. Banco de Português - Concordanciador. PUC/SP, LAEL, CEPRI, DIRECT. Disponível em: <http://www2.lael.pucsp.br/corpora/bp/index.htm>. Acesso em: junho de 2005.